



Proletários de todos os países: **Uni-vos**

## **Aos Trabalhadores Marítimos do Pôrto de Lisboa**

*CAMARADAS:*

*Tendo sido violados os contractos de trabalho pelos Armadores e Agentes de Navegação, convidamos as classes marítimas—Fragateiros, Conferentes, Descarregadores de carvão e da muralha, Estivadores, Trabalhadores do Tráfego e Operarios de Construção Naval a comparecerem na reunião magna, que se effectua na Quinta-feira, 22, pelas 21 horas, no Cinema Gil Vicente, (à Graça), a fim de se apreciar a resolução das Empresas de Armadores e Agentes de Navegação.*

**Todos para a reunião magna!**

**A Comissão de Transportes Marítimos de Portos da F. N. T. T. C.**

PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES, UNI-VOS!



ORGÃO

NA

IMPRENSA

"O REDUCTO,"

# FEDERAÇÃO NACIONAL

DOS

## Trabalhadores de Transportes e Comunicações

Avenida 24 de Julho, 96, 1.º — TELEFONE 22500

### A crise de trabalho e as suas origens fundamentais

PRESADOS CAMARADAS:

A situação de todos os trabalhadores e consequentemente a dos trabalhadores de transportes agrava-se dia a dia. Todo o mundo capitalista atravessa a crise mais grave da sua história e, como sempre, são os operários que lhes sofrem as consequências. O patronato endossa para os largos ombros dos trabalhadores as graves consequências das contradições do sistema capitalista, da sua crise económica e política.

Após a guerra o capitalismo encontrou-se perante um esgotamento financeiro colossal.

As indústrias da guerra paralizaram e milhões de soldados regressavam do «front» para as indústrias. Os mercados dos países atrasados tinham desaparecido porque, forçados pela necessidade, esses países tinham criado as suas próprias indústrias. Só uma luta formidável, colossal, no mercado internacional, os conseguiria reconquistar.

Só uma saída apareceu aos grandes países imperialistas — a racionalização das indústrias, para o barateamento dos produtos e seu aperfeiçoamento.

A racionalização, o aperfeiçoamento da maquinaria, a sistematização dos processos de produção, a produção em serie e em cadeia foi, portanto, operada em larga escala em todos os grandes países capitalistas. Os operários foram submetidos a uma redobrada exploração.

A inversão de grandes capitais na racionalização das indústrias, no aperfeiçoamento e substituição da maquinaria, deu uma ilusão a todo o mundo; o sistema capitalista começava a consolidar-se. Os *agitadores* não tinham razão. O mundo burguês tinha em si proprio os recursos necessários para vencer a crise de após a guerra.

A partir da aplicação desta tática, 1923-24, uma aparente estabilização se operou, bem como uma pseudo tendência para a estabilização e para a prosperidade.

Mas os *agitadores* tinham razão. Toda esta tendência para a estabilização e para a prosperidade não era senão aparente. Para a liquidação da crise de após a guerra o sistema capitalista não tinha senão arranjado um calmante passageiro que, terminados os seus efeitos, a faria aparecer mais grave ainda.

Em primeiro logar a racionalização das indústrias estendeu-se a todo o mundo. Verificados os seus aparentes efeitos salutarés, nos grandes países imperialistas, todos os outros países entraram na órbita da racionalização. O seu principal objectivo — a conquista dos mercados perdidos — não foi alcançado. Por outro lado, a propria racionalização tinha engendrado novas fontes de miséria, novos factores de um agravamento vertiginoso da crise.

Como a racionalização e intensificação de produção não era originada pelo unico motivo são que a podia originar — a carencia de produtos e aumento das capacidades de absorção no mercado — ela só se conseguia á custa de despedimentos de operários.

Por outras palavras: O patronato aperfeiçoando a maquinaria e sistematizando os processos de produção, duplicava, triplicava a capacidade produtora das suas fabricas.

Quem ia absorver todo esse formidável aumento de produção, se o nivel de vida da população, se as capacidades aquisitivas do mercado não tinham aumentado nas mesmas proporções?

O Sol? a Lua? Qualquer planeta do nosso sistema?

E' evidente que não. Não estabelecemos ainda, felizmente para eles, relações económicas com os seus habitantes.

Portanto houve necessidade de reduzir a mão de obra; começaram os despedimentos de operários e começa portanto a partir de 1927-28 o novo e gravissimo aspecto da crise — a «chômage»; a crise de desemprego.

De então para cá o agravamento dela é pavoroso.

Os desempregados, em todo o mundo, passam rapidamente de 1927 para 1928, de 6 a 10 milhões; de 1928 a 1929 para 18 milhões; de 1929 a 1930 para 30 milhões e, em Março deste ano, da graça capitalista, atingem a fabulosa cifra de 62 milhões!

Porquê este agravamento formidável da crise de trabalho?

Porque ela propria faz reduzir a produção. Se engendra a fome, a miséria; se cria legiões e legiões de desocupados, que não recebem salario; se diminui o nivel de vida das populações; diminui as capacidades de absorção do mercado; diminui a busca de produtos. Este fenomeno força os capitalistas a restringirem cada vez mais a produção, a despedirem mais operários, a encerrarem mais fábricas; paraliza a produção, diminui os transportes, detinha o comercio, etc.

Eis, camaradas, as causas fundamentais da crise presente que profundamente atinge toda a economia de Portugal como repercussão da crise mundial.

## ¿ Em que consiste a tática do patronato ?

### ¿ Qual deve ser a nossa tática ?

Nós notamos que o nosso país entra decididamente na órbita da crise. De um extremo a outro há milhares e milhares de desempregados. As fábricas encerram, o comércio reduz-se, os transportes diminuem.

Como pensam os capitalistas de todo o mundo e, portanto, os de Portugal, fazer face a esta tremenda crise que engendra a guerra civil ?

Não pensam nada, porque nada podem pensar ; porque já não são senhores dos acontecimentos, porque perderam totalmente o volante da sua própria economia. Pensam simplesmente... que devem arranjar as coisas de modo a não perderem, a não sofrerem com elas e fazer sofrer todas as consequências aos trabalhadores.

O excelente mercado de mão de obra que lhes é proporcionado pelas legiões de desempregados permite-lhe reduzir os salários e aumentar a exploração pelo prolongamento da jornada de trabalho ?

Pois reduzem os salários, prolongam a jornada de trabalho !

E' isso que verificamos de um a outro extremo do País.

Bem se importa a burguesia que a redução de salários diminua o poder aquisitivo do mercado, aumente a miséria, a fome e force a novas restrições na produção !

Bem se importa a burguesia que o prolongamento da jornada de trabalho, aumentando as capacidades produtoras das fábricas, sem consequente escoamento no mercado force a novos despedimentos !

O sistema capitalista é profundamente baseado no mais egoísta e cínico individualismo e a face á crise, o caminho da sua solução só se podia buscar num profundo coletivismo, que é a base do socialismo.

A Rússia, onde se constrói o Socialismo no meio de tremendas dificuldades ; onde o desemprego desapareceu ; onde o nível de vida dos trabalhadores aumenta sem cessar, demonstra praticamente a superioridade económica do sistema socialista em face do sistema capitalista.

Mas o Socialismo pressupõe a extinção da propriedade privada, a direcção da economia pelos produtores, pelos operários.

Só os trabalhadores o podem e devem realizar.

A tática do patronato, portanto, em face da crise não é nem pode ser encaminhada para a sua solução.

Ela limita-se a evitar a maior soma das suas consequências directas para si próprios, endossando-as para cima dos trabalhadores pela redução dos salários, pelo prolongamento da jornada de trabalho e pela redução da semana de trabalho a 5, a 4 e a 3 dias, o que na prática representa a redução de salários em 30, 40 e 50 %.

¿ Em que deve, portanto, consistir a nossa tática ?

No inverso. Na luta pelo aumento de salários, pela redução da jornada de trabalho, sem redução nos salários.

Mas como conduzir esta luta, com a ameaça sempre crescente do exercito de desempregados que, impelidos pela fome, aceitam as mais infames condições de trabalho, do patronato ; fornecem amarelos para os nossos movimentos ; são, enfim, impelidos pela miséria, a espada de Damocles suspensa pelo patronato sobre as nossas reivindicações ?

Isto põe perante nós um problema urgentíssimo sem a solução do qual não teremos condições para lutar seriamente com o patronato : a organização dos desempregados e a sua ligação íntima á nossa luta contra o adversario comum — o capitalismo.

Esta organização, porém, não se pode fazer á volta de reclamações abstratas e de efeitos longínquos e problemáticos. E' preciso que se faça em redor de reivindicações concretas que consigam mobilizar a 100 % todos os desempregados á sua volta e ligá-los ao nosso movimento.

Daqui a necessidade da reclamação do direito á vida dos desempregados, pela concessão de um subsídio vital a expensas do patronato e do Estado, que lhe permita alimentar-se ; da reclamação do transporte gratuito dos desempregados para os localidades onde se possam empregar ; da suspensão obrigatória de todos os mandatos de despejo contra os desempregados.

E' á custa destas reclamações para os desempregados que nós conseguiremos organizá-los de uma forma autónoma e transformar este grande exercito, de grande alavanca de exploração patronal que é presentemente, em excelente auxiliar para as nossas lutas pelo aumento de salário e redução da jornada de trabalho ; em formidável ariete contra o sistema capitalista.

Portanto, para nós, a luta contra a crise de trabalho não é também uma luta para a sua solução porque sabemos que ela não tem solução em sistema capitalista ; é uma luta vital pela necessidade de não deixar que todas as suas consequências recaiam sobre nós — os trabalhadores ; pela necessidade de lutarmos contra a fome que invade os nossos lares e sobretudo pela necessidade de arrastar-mos um número cada vez maior de operários contra o patronato, de transformar sistematicamente cada luta com o patronato em grande luta de massas contra o sistema capitalista, pelo agravamento das suas contradições internas e pelo nosso objectivo final : derrocada do regime burguês e instauração de um regime operário ; substituição do sistema capitalista pelo sistema socialista, única saída definitiva para a crise presente.

## As nossas reivindicações

Nestes termos, o Secretariado da Comissão Central Executiva, inspirado nas resoluções do Congresso e na experiência dos 7 meses que após êle decorreram, entende que todas as organizações de trabalhadores de transportes devem colocar em ordem do dia as seguintes reclamações :

1.º Cumprimento rigoroso da jornada de 8 horas e sua transformação em jornada *máxima*, em vez de *normal*, isto é, proibição absoluta, total, completa, de horas extraordinárias.

